



Secretaria da Educação

ATA DA REUNIÃO DA COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO CURRÍCULO INTEGRADO 20 DE SETEMBRO DE 2022

Aos 20 dias do mês de setembro de 2022, reuniram-se no auditório I da Secretaria Municipal da Educação, os integrantes da Comissão de Elaboração do Currículo Integrado, de acordo com portaria Nº 002 de 25 de abril de 2022. Assinaram a lista de presença física 46 integrantes. A abertura iniciou com a palavra da Coordenadora Geral do CAP Ligia Carrasco realizando uma proposta quanto a uma projeção de como as discussões irão acontecer até o final do ano. Perguntou acerca dos itens que faltavam para a discussão e Adriano respondeu que restam apenas dois itens para discussão: relações entre aprendizagem e desenvolvimento e avaliação, levando em consideração os conceitos propostos para a discussão:

1. Ser Humano; 2. Educação; Sociedade, Função social da escola, Relações entre aprendizagem e desenvolvimento, avaliação.

Ligia relatou que sente falta de outras concepções na discussão, como por exemplo, a concepção de criança; de infância, do papel do professor. Carina falou da importância de incluir a Inclusão.

Adriano disse que acabou não lendo a proposta da Camila, norteadora em Vygotsky, mas aponta a importância de abordar a concepção do brincar e do brinquedo.

Camila fala a definição para a teoria das diferentes etapas para o desenvolvimento que não dava para abarcar toda a teoria, antes da divisão em grupo que os grupos se debruçam para definir as diferentes etapas.

Lígia primeiro disse que a ideia é realizar as discussões nas áreas.

Camila propõe terminar a proposta e disse que não muda muito o jeito de entender o desenvolvimento em si, mas que quando for discutir o currículo vai precisar de fundamentar melhor a proposta voltada para o currículo, voltada para o conhecimento, voltada para com cada idade e etapa.

Cecília aponta que em discussão passada onde discutiu-se a função social da escola, falou-se bastante de ensino e de aprendizagem, e disse que em algum momento era preciso abordar as questões de tecnologia, principalmente devido às questões que vivenciadas no período da pandemia. Segundo ela, a questão da tecnologia precisa estar muito bem definida para que em outro momento, não se tenha que engolir que qualquer criança com qualquer faixa etária vai aprender ficando na frente da tela.



Secretaria da Educação

Em seguida, Jeferson passou a palavra para Adriano que iniciou sua fala dizendo que iria começar a tratar da questão abordada por Cecília. Disse que quando se trata da função social da escola, trata-se do fim e o que a Cecília estava propondo é uma discussão de meio, segundo Adriano, Cecília estava propondo uma discussão no lugar errado. Declarou que, como Cecília disse, tecnologia é um recurso que se enquadra no campo da estratégia, ou seja, a discussão cabe quando for discutir a questão didática, e não no currículo, disse que independentemente da estratégia o fim da escola é aquele. Declarou que quando se discute a função social da escola, é necessário discutir para que a escola serve. Disse que quando se discute estratégia, fala-se de meios, e que meios que escola se utiliza para que se atinja a finalidade dela. Com relação ao que a Camila falou, ele discordou por entender que a definição de ser humano que a comissão compôs engloba a infância, engloba, criança, engloba adolescente, engloba, jovem e o idoso, segundo ele, ela é a mesma para todos. Disse ainda que, quando se refere aos termos fala-se das fases da vida e inclusive de aspectos legais. Afirmando que é dessa forma que a legislação divide o ser humano, conforme seus direitos, acrescentando que isso, porque tem certos deveres e direitos para as crianças, para os adolescentes, para os jovens e para os adultos. Adriano disse que não consegue ver precisa ter discussão do ponto de vista teórico, porque a comissão já fez isso. Segundo ele, a discussão tem a ver com o currículo. Apresentou os seguintes exemplos: com relação aos direitos e aos deveres e com o livre desenvolvimento de cada faixa etária, contudo ele entende que a discussão sobre o brinquedo deveria ser realizada nesse momento por razão bem prática de que o primeiro papel do brinquedo (ou do brincar), é essencial para entender a questão do desenvolvimento e a questão da relação entre aprendizagem e desenvolvimento. Segundo Adriano, discutir brinquedo ajuda a entender, por se tratar de uma discussão teórica, enquanto que as outras é uma discussão mais prática do ponto de vista curricular, ele não acredita ser uma concepção teórica. Acrescentou que acredita ser uma definição criança, adolescente quase que legal, ou seja o ECA já vai dizer o que é isso em breves palavras, no entanto não ocorre o mesmo com relação ao brinquedo, mas trata-se de uma discussão teórica importante e que sem a mesma fica difícil de compreender na sua profundidade o que Vygotsky propõe na questão zona de desenvolvimento proximal. Nesse momento, Camila interrompeu pedindo para que Adriano visse a proposta que ela apresentou. Jeferson interferiu dizendo que Rosana estava inscrita para falar.



Secretaria da Educação

Rosana fez uso da palavra dizendo que discordava do Adriano dizendo concordar com a questão tecnológica apresentada pela Cecília, dizendo que a função social da escola agora era também combater, mentiras, fake news, enxurradas onde o jovem, adolescente e crianças estão submersos nessas questões. Disse que esse excesso de informação, às vezes não gerava conhecimento e disse ser função da escola ajudá-los a lidar com essas questões e transformar o excesso em conhecimento. Disse sentir falta, como professora, e colocou para a comissão que eles poderiam aceitar a proposta do debate ou não, mas que ela sente falta das discussões acerca do desenvolvimento, e entende ser esse o momento para a discussão, assim como sente falta de se falar de ciclo, transição e tempo, e finalizou sua fala.

Assim Jeferson transferiu a palavra para Camila que iniciou sua fala perguntando se era a Carina que falou da inclusão. Disse que já havia pensado que poderia aparecer alguém que iria dizer que a Educação Especial não estava aparecendo. Continuou dizendo que para a teoria sócio cultural, para o Vygotsky a questão da deficiência é muito cara e que ele tem estudo sobre essa questão e que ele a trata da mesma maneira e que ele coloca sobre desenvolvimento é desenvolvimento para qualquer pessoa, inclusive pessoas que tem alguma deficiência. Apresentou um exemplo: imagina uma pessoa cega, o cego não enxerga e nem isso não precisa ser analfabeto, é cego, ele não enxerga não é um problema, ele ser analfabeto é um problema de ensino, não é um problema relacionado a deficiência dele. Segundo Camila, o nosso problema é, enquanto professores e pessoas que irão ensinar e trabalhar com pessoas com deficiência encontrar os mecanismos e oferecer os instrumentos e as ferramentas adequadas necessárias para que essa deficiência seja minimizada, de modo que ainda que tenha uma deficiência algo que nos possibilite desenvolver outros instrumentos para que essa pessoa tenha um ensino digno, para que ela também possa ser atendida por essa educação, então não faz sentido especificar uma linha paralela do desenvolvimento. Relatou que uma pessoas com deficiência, assim como uma criança, um adulto, um jovem, todos eles têm outros jeitos de se desenvolver, cada um com a sua especificidade cabe, a educação, a escola, ao professor identificar qual é essa necessidade e suprir. Disse ser óbvio que a nossa escola não está preparada, e que ela não faz isso. Disse que é por isso que a escola fica buscando paliativos, educação inclusiva, sala de recursos, por isso, muitas vezes não dá conta de suprir essa necessidade, mas deveria. Acrescentou acreditar que não faça sentido, mas que talvez se possa falar em algum momento, como uma definição de desenvolvimento, ou como uma categoria isolada, e disse que nesse sentido



Secretaria da Educação

continuaría nessa lógica de que é um grupo diferente, assim ela disse preferi manter também a deficiência como uma observação o modo de compreender a deficiência, mas caberia, não fiz isso por falta de tempo mesmo, ou por talvez não querer mesmo diferenciar, contudo disse que não cabe uma categoria de inclusão, porque ela está subentendida, pois se há uma potencialidade para todo mundo aprender, cabe a escola fazer esse trabalho de ensinar e essa pessoa de aprender.

Lígia pediu a palavra para problematizar a questão e disse que conforme foram falando pensou que a comissão está seguindo uma linha teórica que tem as suas formas, características e seus encaminhamentos, suas concepções, porém tem uma preocupação com relação ao documento que é uma proposta pedagógica que vai para a Rede e que enquanto proposta pedagógica, por mais que a teoria abarque todas essas questões (inclusão) tem algumas coisas, algumas obviedades que tem que estar mais explícita, inclusive a concepção de infância, de criança e de adolescente, por mais que a teoria em si já abarque, essa questão que para todos tem que acontecer esse desenvolvimento, essa aprendizagem, independente de qualquer questão, disse entender que às vezes é importante esmiuçar um pouquinho para que as pessoas compreendam um pouco mais a fundo, porque disse que é preciso estudar essas questões, e que é preciso aprofundar essa teoria por entender que é uma teoria que não são todos que tem domínio. Disse nunca ter estudado a teoria sócio crítica e que faz uso muito textos de Saviani para questões bem pontuais na faculdade, mas que ainda falta aprofundamento e acredita que boa parte da Rede não tem e que será preciso estudar. Lígia continuou dizendo que acredita que em um primeiro momento será necessário apresentar um texto com algumas questões mais esmiuçadas nessas questões. Disse se preocupar com uma proposta pedagógica que não aborde a questão da inclusão, acrescentou que por mais que já se domine a teoria, não é algo que já está posto, disse ser necessário em algum momento esclarecer isso para os demais. Falou que de repente pode-se apresentar exatamente como a Camila apresentou: “Nessa perspectiva a inclusão acontece assim”, bem como a concepção da infância e da criança. Disse concordar com Adriano dizendo que isso está posto em nossas legislações, contudo declarou que em algum momento é preciso reforçar essas questões, exemplificando com as seguintes questões: Que infância é essa que se acredita? Que jovem é esse que teremos formar? Lígia acrescentou que acredita que em alguns momentos isso precisa perpassar o texto. Disse estar problematizando porque haverá um momento que a comissão terá que fazer um texto contínuo, onde as coisas façam sentido uma com as outras, por isso disse ser questões



Secretaria da Educação

importantes que será preciso falar, explicando como é o caso do papel do professor, da inclusão, da concepção de infância, do brincar e também da tecnologia. Acrescentou que apesar de ser um meio existe uma concepção, a Cecília falou, porque tem há pessoas que irá colocar um computador na escola com internet boa que estará tudo bem, ou colocar a criança em casa no homeschooling que estará tudo bem, e que não, não está tudo bem, porque não é só isso. A concepção tem que estar atrelada de alguma forma com essas questões.

Em seguida, Jeferson transferiu a palavra para Simara que iniciou sua fala dizendo concordar com a Camila acerca da inclusão e disse ter uma outra problematização em contraponto com que a Lígia falou que a questão de se particularizar a ponto de segregar dentro de um espaço comum. Segundo ela, pensa-se tanto em colocar esse grupo, ou pessoas dentro de uma categoria e falar sobre isso que chega a segregar dentro de um espaço que deveria ser para todos. Como se tratou aqui que de repente isso precisa ser tratado na avaliação que é de como avaliar diferentes formas de aprendizagem e de desenvolvimento, e que talvez consiga por aí entrar no conceito de Vygotsky de compensação na ausência de um sentido, assim, por exemplo, no caso da visão vou avaliar os sentidos remanescentes que esse sujeito tem para que se consiga encontrar estratégias para que ele se alfabetize e para que ele se aproprie de todo o conhecimento assim como os outros irão se apropriar. Continuou dizendo que dentro dessas pessoas existe um grupo que é preciso particularizar, que é o grupo das pessoas surdas, segundo ela nesse caso não tem como, contudo disse que com a atualização da BNCC no ano passado, a questão dos surdos foi tratada como modalidade, disse que na hora de pensar o currículo terá que se pensar as modalidades, acrescentou que a educação dos surdos entra como uma modalidade específica.

Após a fala da Simara a palavra foi passada ao Adriano que disse que algumas coisas já estavam ficando claras para a comissão, mas que no entanto, ele entende que para as pessoas que não estão participando desse espaço as coisas não estão claras. Sugeriu para a Lígia que a comissão poderia fazer um glossário definindo termos por acreditar que não demanda de um aprofundamento em determinadas questões, exemplificou falando da concepção de criança e infância e que é possível assim, definir várias palavras. Disse acreditar que um texto não precisa ser uma coisa muito longa e nem muito detalhada. Acrescentou que acha ser possível escrever o glossário de uma forma bem prática, com alguns dos termos propostos e outros que a comissão for identificando, disse que à medida que o leitor sentir necessidade busca o termo no glossário para se inteirar daquilo que está se



Secretaria da Educação

falando. Disse que seria fundamental, uma vez que as pessoas não estavam participando desse processo de discussão e acrescentou que a deliberação prevê que os documentos sejam enviados para as escolas, mas que entende que antes dos documentos serem enviados disse que seria importante apresentar antes de apresentar as propostas promover um ciclo de debates para professores e professores coordenadores, exemplificou que poderia trazer pessoas da universidade para falar das categorias que estão sendo discutidas na comissão, disse que ainda que não seja possível abarcar a todos, que pelo menos os professores coordenadores que depois irão realizar as discussões nas escolas, propôs uma semana de palestras para que as pessoas se apropriem disso que a comissão está falando. Disse que quando a discussão foi para a escola sugeriu que a comissão nesse primeiro momento deveria tentar participar disso pelo menos uma vez. Isso para tentar explicar como é o trabalho feito, como é a linha, como é que será feito, sugeriu que a comissão pudesse se dividir para acompanhar as discussões nas escolas, disse se está forma uma possibilidade de amenizar essas lacunas que ficam. Em seguida, dirigiu-se a Rosana dizendo que ela contribuiu com algo importante para se falar, primeiro com relação a questão de se discutir as tecnologias e nesse sentido disse que a Rosana concorda com a Cecília, porém que fala de outra coisa e diz que Rosana traz mais uma função da escola que é combater a fake news, disse perceber um problema com essa colocação da Rosana, enfatizou que a fake news é um problema serio no Brasil, e disse que isso está acabando com a democracia, mata pessoas e disse concordar com a Rosana que se trata de um problema serissimo, assim entende que é função da escola combater a fake news, como é função combater o racismo, a genofobia e uma série de coisas, mas entende que a escola sozinha não consegue combater todos os problemas sociais, acrescentou que se a escola fizer isso, ela não vai cumprir com sua função específica, disse entender que combater a fake news é uma função da sociedade como um todo, enfatizou que a escola tem uma função específica, assim saúde, assim como o desenvolvimento social tem, que é o seu trabalho específico, exemplificou perguntando como era que a saúde combate o racismo? E respondeu que era fazendo seu seu serviço de saúde. Tornou questionar: como era que a educação combate o racismo? E respondeu, fazendo seu seu serviço da educação. Disse que não dá para a escola fazer tudo e acrescentou que se a escola for tentar fazer tudo, não vai conseguir por se tratar de problemas que ultrapassam os limites da escola e que se fizer, não fará o seu, e se não fizer o dela quem fará? E por isso é muito complicado pensar acerca dessa questão. Mas pode-se perguntar: como que a escola contribuiu para resolver os problemas sociais, fazendo seu



Secretaria da Educação

trabalho específico. Continuou a dialogar com Rosana perguntando para ela se concordava com ele no sentido de que a educação não é treinamento, que educação não é fazer lavagem cerebral, educação não é convencer uma pessoa a professar os meus valores e nem acreditar em seus valores e nesse sentido, a escola está lá para que? E ele responde que é para dar ao aluno aquilo que ele precisa para compreender uma realidade. Disse ser essa a função da escola e não dizer exatamente o que ele precisa fazer, isso vai da consciência dele, mas dar a ele os instrumentos que ele precisa, e não tentar resolver, que lhe permita olhar para a realidade e falar: eu entendo essa realidade, mais do que isso, eu interpreto essa realidade. porque se a escola for tentar resolver cada problema específico, tem mais de 300 problemas, além da fake news para se resolver, e quem é que vai ensinar a ler e a escrever? Segundo ele, não é a saúde, nem a cultura que irá ensinar, disse que não se trata de uma questão definitiva, mas sim de uma mediação entre os problemas sociais que a escola tem que cuidar, mas fazendo o seu. Reportou-se a Rosana com relação aos ciclos, perguntando que quando se fala de ciclos e tempos você está falando do que? E ele mesmo responde que está falando do campo didático, é currículo, e segundo ele, é nesse campo que se deve tratar dessas questões. Enfatizou que nesse momento está se tratando das concepções para quando se tratar disso (ciclo/tempos) irão nos orientar. Disse ser a mesma coisa que diretrizes e princípios. Exemplificou dizendo: estou trabalhando com meu aluno, posso falar que não posso submeter a tratamento vexatório, humilhante, não pode, porque as concepções já estão dizendo que não pode.

Logo após a fala do Adriano, Jeferson transferiu a fala a Mônica que disse iria pegar o gancho da Cecília sobre tecnologia, porque Cecília apresentou uma preocupação do que aconteceu agora com o advento da pandemia e disse que logo e seguida a Lígia foi muito bem com o comentário dela dizendo que isso vai além de colocar equipamentos na escola. Falou que autores estudiosos que trabalham com estudos de Vygotsky vão falar da questão do jornal e da tv, como mediadores da cultura dizem e acrescentou que a internet vai ser um mediadora de cultura, disse que quando se estuda um pouquinho é possível ver isso, que a internet deve ser usada como mediador de cultura, acrescentou que apesar disso, não se pode pensar apenas na internet e da tecnologia em função do que aconteceu com a pandemia, disse que a Cecília coloca: “a tecnologia nunca irá substituir o professor”. Cecília interrompe afirmando que entende que isso tem que estar explícito no currículo, exatamente como o exposto. Contudo, Mônica afirma que é preciso ter cuidado com isso, pois segundo ela, essa preocupação com a tecnologia é para ela cumprir um papel não de mediador de cultura, mas



Secretaria da Educação

daquele professor que não pode estar fisicamente com o seu aluno durante a pandemia, disse ser essa sua preocupação quando vem a discussão sobre a tecnologia. Falou de se discutir sobre tecnologia dentro dessa concepção de mediador de cultura, mas não como tapa buraco caso venha outra pandemia. E explicou que para tapar esse buraco, tem um buraco muito maior que é o de equipar a escola, ensinar a criança a lidar com essa tecnologia e acrescentou que acha ser necessário tomar cuidado com essas coisas emergências, urgências e que acontecem no nosso dia a dia para não confundir um pouco com o que a concepção trata mesmo. Lígia interrompeu dizendo que concorda com que a Cecília colocou o que é explícito no texto.

Em seguida, Camila iniciou sua fala. Disse querer reforçar a ideia que a Lígia comentou e o Adriano também falou de dar uma formação para a Rede. Ela disse já ter conversado com a Lígia dessa necessidade, disse que todos sabem, independente dos pontos defendidos aqui enquanto proposta, a Rede precisa estar envolvida, disse achar, que o que a comissão pode conseguir por meio das atas é pouco para as escolas, disse que no espaço da comissão tem a possibilidade de perguntar, destrinchar um pouquinho mais e apresentou uma proposta de que a comissão pudesse estar se dividindo para estar indo às escolas para que pudesse esclarecer. Propôs ainda, das escolas lerem textos para ajudar nesse processo, tirar dúvidas e minimamente esclarecer o que for possível e o que não, chamar gente fora mesmo, acrescentando que apesar da comissão está se esforçando é difícil se apropriar mesmo do trabalho la prática, disse que quem fica na escola (referindo-se a equipe gestora) fica estudando disse perceber essa dificuldade no dia a dia, até para ela que tem um pouquinho mais de estudo. Disse que em algum momento precisará da ajuda e que talvez seja agora, antes até de pensar no currículo. A proposta não foi a de parar a comissão, mas que as coisas aconteçam paralelamente para que se possa pensar um jeito de fazer essa formação com as escolas.

Lígia pediu a palavra para fazer uma observação a respeito do que a Camilo e Adriano colocaram, dizendo ser preciso sentar para conversar, até mesmo com o COMERC e Secretaria para pensar em estratégias, e trazer as propostas para a comissão para compartilhar e ouvir algumas sugestões e enfatizou que em um primeiro momento é preciso sentar para discutir. Nesse momento, Camilo interrompeu dizendo que a proposta precisava ser votada porque as pessoas também precisam estar dispostas, Lígia concordou com a colocação da Camila e continuou dizendo que a princípio, precisava enviar os textos para as escolas se apropriarem primeiro de uma leitura mínima, e acrescentou que a partir das



Secretaria da Educação

questões que eles levantarem, para que se possa ir ao encontro daquilo que eles têm dúvidas. Declarou ainda uma angústia que era de que a comissão também precisa estudar e nesse sentido, diz não saber se é necessário apresentar uma trajetória de estudo. Lembrou que desde o começo foi pedido a sugestão de textos para leitura e disse que era preciso ler, declarando entender a vida corrida de cada um, mas diz sentir que precisa caminhar enquanto comissão, nessa direção. Disse de enviar as atas para as escolas, apesar de estarmos falando de enviarmos os textos mais formatados e finalizados.

Em seguida, Jeferson transferiu a palavra a Wellington que disse que conforme as pessoas (da comissão) foram conversando as coisas foram esclarecendo, e concordou com a Lígia por entender que os apontamentos da Lígia foram extremamente importantes. Disse que quando se apresenta um texto que tem essa perspectiva (referindo-se a fundamentação teórica), é preciso convidar as pessoas para verem a partir da perspectiva, ou seja, de onde “estou” falando e “estou” vendo, como eles (...) veem a Educação. Complementou que há muitos termos, conceitos e textos dos quais se falam são densos, não são fáceis, como a Lígia falou. Segundo ele, disse que quando se sugere um texto é para reforçar alguns conceitos e ter melhor compreensão. Disse haver alguns conceitos que acabaram se transformando em tabus e até endemonizados e que isso é possível de se perceber. De acordo com Wellington isso porque é preciso muito estudo para se compreender e ele relatou estudar há um bom tempo essa perspectiva. Disse que algumas coisas são familiares para ele, enquanto que para outras pessoas não. Exemplificou que se uma pessoa estudar uma perspectiva fundamentada na Escola Nova, e fala-se de Emancipação se for comparar o termo ao que diz Saviani e que Newton Duarte usa, é possível perceber outra perspectiva. Não estão falando da mesma coisa, é outro tipo de emancipação. Quando se lê no texto “transmissão de conhecimento”, disse que as pessoas ainda associam à questão da Escola Tradicional, falou não ser a mesma coisa que outra concepção. Apontou o texto do Saviani, sem ter plena convicção de ser “Senso Comum”, ou “Consciência Filosófica” que ele fala para além da Escola Nova, para além da Escola Tradicional, segundo ele, Saviani não está falando nem de um nem de outro, ou apontando o que é bom em um, ou que é bom na outra, declarando que nem tudo da Escola Tradicional é ruim joga fora, concluindo Wellington que é necessário familiarizar-se com alguns conceitos. Ele disse ter gostado da ideia do glossário bem legal e chegou a pensar em nota de rodapé, para um conhecimento rápido. Para outros textos isso significa outras coisas, segundo ele, pensa ser importante deixar essas questões bem claras. Também entende ser a mediação muito importante, no sentido das pessoas



Secretaria da Educação

lerem e fazerem suas anotações e nesse momento, se fazer (não uma explicação), mas uma mediação. Weliton disse acreditar que deve ser nessa perspectiva que se deve olhar.

Em seguida, a palavra foi passada à Daniela que optou por não fazer uso dela, assim a oportunidade foi concedida à Rosana que disse querer responder ao Adriano. Falou que não disse que a escola vai pegar a tecnologia para combater a fake news, disse se referir à enxurrada de informação que não é conhecimento. Falou que a função da escola é auxiliar o aluno a entender que essa informação vai ajudar a construir esse conhecimento e que foi nesse sentido que quis dizer.

Jeferson, em seguida disse que havia acabado as inscrições, contudo Lígia pediu a palavra para fazer os encaminhamentos e nesse sentido disse que algumas possibilidades surgiram durante a discussão. Perguntou à comissão se deixam essas discussões em stand by para que fossem sugeridos outros temas para continuar a discussão da Proposta Pedagógica dentro do que se havia falado. Continuou dizendo ter entendido que ainda se discutiria o papel do professor, brincados e brincadeiras dentro de tudo o que foi discutido.

Camila sugeriu que a comissão discutisse a categoria proposta em pauta para a reunião e propôs que a partir disso, Adriano apontasse que as questões apresentadas por eles tinham sido contempladas ou não.

Elisangela falou que o brinquedo acaba sendo um meio. Lígia concordou com Elisangela, porém Adriano discordou dizendo que para Vygotsky não era, assim como não era uma estratégia.

Elisangela respondeu dizendo que o que havia sido elencado era importante deixar claro, complementou falando que o glossário vai minimizar conceitos importantes e que precisam ser abarcados.

Adriano perguntou a Elisangela sobre o que mais poderia ser dito sobre criança que não caberia em uma frase? Elisangela replicou dizendo, “ainda que seja”, disse que vai complementar o texto.

Lígia interrompeu dizendo que vai na direção que Elisangela apontou, e complementou dizendo ainda que achava a ideia do glossário bem legal, que gosta de glossários e que os acha bem interessantes dentro de textos que se estão lendo evidenciando termos desconhecidos. Lígia disse reforçar a sua fala no sentido de que no meio desse grande texto de fundamentação teórica tem que aparecer: “o que é essa infância”, por mais que o conceito de criança já esteja declarado na legislação. Dirigiu-se ao Adriano dizendo questionando-o desde quando tínhamos o ECA, respondendo desde 90. Adriano disse que no ponto de vista



Secretaria da Educação

dele, a comissão já havia feito isso. Lígia retrucou dizendo que as pessoas ainda não haviam se apropriado ainda. Camila interrompeu dizendo que talvez a formação pudesse dar conta dessas questões. Lígia retomou a palavra declarando que obviedades precisam ser ditas e que sentia essa necessidade, porque a escola tem demonstrado isso, que essas questões precisam estar mais explicitadas.

Em seguida, Jeferson passou a palavra a Daniela que pediu por mais um encaminhamento. Disse que quando leu a proposta da Camila, achou que tinha coisas que já caberia aqui (referindo-se ao texto), isso porque quando se fala de aprendizagem do conhecimento, entende que precisa falar dessas etapas, assim já caberia no texto o detalhamento disso.

Lígia pede para Camila realizar a leitura da sua proposta dentro da categoria: Relações entre aprendizagem e desenvolvimento e explanar sobre sua proposta, assim Camila iniciou a leitura:

Os pensadores da Teoria Histórico Cultural (THC) desenvolveram um método para investigar o desenvolvimento humano, regulado por uma lei fundamental: a lei geral do desenvolvimento das funções psicológicas superiores (memória, atenção, percepção, pensamento conceitual...). Assim, explicaram o desenvolvimento sociocultural dos seres humanos, do nascimento à idade adulta, sendo a história e a cultura consideradas aspectos fundamentais do desenvolvimento humano.

Basicamente, os autores desta teoria (Vigotsky, Leontiev e Luria), explicaram a diferença entre o comportamento humano e o comportamento animal e entre as funções elementares e superiores, propondo uma metodologia que explicasse o processo de aculturação da criança, um processo de formação biológico-social da personalidade, pois “na medida em que o desenvolvimento orgânico se produz em um meio cultural, passa a ser um processo biológico historicamente condicionado” (VIGOTSKY, 2000, p.35, tradução nossa).

O desenvolvimento é o que indica mudanças qualitativas no psiquismo do ser humano. No processo de desenvolvimento, vão se transformando as atividades dominantes (atividades guia), que condicionam as mudanças psicológicas na personalidade em cada fase.

Atividade é a

forma de relação viva através da qual se estabelece um vínculo real entre a pessoa e o mundo que a rodeia. Por meio da atividade o indivíduo atua sobre a natureza, sobre as coisas, sobre as pessoas. Na atividade, o indivíduo desenvolve e realiza suas propriedades internas, intervém como sujeito em relação às coisas e como personalidade em relação às pessoas. (PETROVSKI, 1985, p. 142- 143).

O encadeamento de ações (processos internos e externos) que permitem a satisfação das



Secretaria da Educação

necessidades – que permitem alcançar um resultado, um fim consciente – constitui a atividade principal, a atividade que vai proporcionar maior desenvolvimento do ser humano em determinado período da vida.

O desenvolvimento ocorre, por exemplo, quando comportamentos antes realizados pela criança de forma mecânica, sem intencionalidade ou consciência (como bater a colher para produzir som, arremessar) são transformados pela mediação do adulto, que ensina o uso de objetos (como usar a colher para a alimentação). O uso gradativo dos talheres pela criança, preocupando-se com os movimentos e a finalidade de seu uso, como utensílio para alimentação, promove desenvolvimento.

Com este exemplo, ficam evidentes duas noções importantes acerca do processo de desenvolvimento: uma, que diz respeito a ele ser fruto do ensino e da aprendizagem; outra, que diz respeito à sua origem social, não sendo espontaneamente nem biologicamente disposto na criança, no adolescente ou no adulto, nem na convivência social espontânea.

A situação de ensino e aprendizagem é fundamental para que o desenvolvimento ocorra. Quanto mais consciência a respeito do que se ensina e do que se aprende (ainda mais sobre o que se deve aprender), maior a qualidade do processo de desenvolvimento.

As funções psicológicas superiores desenvolvem-se em atividades que as requeiram, este desenvolvimento depende dos processos concretos em que estão envolvidas (TULESKI e EIDT, 2020). Daí a importância da Educação, do ensino, para garantir a qualidade das atividades propostas aos alunos. O desenvolvimento depende do ensino sistematizado, dos conteúdos e das formas como o ensino é organizado. Para que ocorra desenvolvimento, é preciso ocorrer aprendizagem.

Importante retomar uma afirmação de Vigotski (1993) e chamar a atenção para o fato de que, para este modo de compreensão dos processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento, ensinar ao aluno o que ele ainda não é capaz de fazer sozinho é inútil, e o mesmo acontece com o que ele já é capaz de fazer sozinho. O ensino deve, então, estar focado em uma espécie de período transitório entre o que o aluno já sabe e já realiza sozinho, sem auxílio (zona de desenvolvimento atual) e o que não sabe, ou o que realiza com ajuda, em colaboração, o que Vigotsky denominou zona de desenvolvimento proximal (VIGOTSKI, 1996), zona do desenvolvimento em que a criança, fazendo uso da imitação, pode fazer muito mais do que faria em sua atividade atual.

Quando falamos de imitação, não nos referimos a uma imitação mecânica, automática, sem sentido (...) usando a palavra "imitação", aplicando-a a toda atividade em que a

criança não atua sozinha, mas em colaboração com um adulto ou outras crianças. Tudo o que uma criança não é capaz de realizar sozinha, mas pode aprender sob a direção ou colaboração do adulto ou com o auxílio de questões norteadoras, é por nós incluído na área da imitação VIGOTSKI, 1996, p. 268, tradução nossa).

Ao longo da vida, o ser humano relaciona-se com a realidade de diferentes formas, envolvendo-se em diferentes atividades dominantes – com base nos autores da THC (Vigotski e Elkonin, por exemplo) – apresentadas na tabela a seguir:

Camila explicou que desenvolveu a tabela fazendo uso de períodos que são definidos por Vigotisky, as etapas do desenvolvimento do Elkonin e a atividade principal, atividade guia. Explicou que Vigotisky faz essa primeira definição dos períodos e depois vem a separação das etapas e da atividade principal que outros autores foram desenvolvendo, em seguida falou da tabela:

PERÍODO	ETAPA DO DESENVOLVIMENTO	ATIVIDADE PRINCIPAL (OU GUIA)
PRIMEIRA INFÂNCIA	Primeiro ano de vida	Comunicação emocional direta
	Primeira infância	Atividade objetual manipulatória
INFÂNCIA	Idade pré-escolar	Jogo de papéis
	Idade escolar	Atividade de estudo
ADOLESCÊNCIA	Adolescência inicial	Atividade de comunicação íntima pessoal
	Adolescência	Atividade profissional/estudo
IDADE ADULTA	Idade adulta	Trabalho
	Velhice	Trabalho

Esta divisão por etapas não segue critério cronológico rígido, não é linear, por considerar a relação entre a situação social de desenvolvimento em que a criança, o adolescente ou o adulto está em atividade, considerando as características culturais e de classe social de cada um. Segundo Vigotski (2010), esse princípio de periodicidade pode ser chamado de “princípio dialético do desenvolvimento infantil”, uma vez que não é realizado através de mudanças lentas e graduais, mas através de saltos em certos pontos, “onde a quantidade de repente se torna qualidade” (VIGOTSKI, 2010, p. 460, tradução nossa). O desenvolvimento é promovido por revoluções (saltos) e crises. Estas etapas são designações convencionais, não possuem limites exatos.



Secretaria da Educação

A idade cronológica não é decisiva para o processo de ensino e aprendizagem, pois não é a maturação biológica dos indivíduos que determina o seu desenvolvimento, mas a sua atividade social. Importante exemplo, no contexto atual, foi percebido com a volta das crianças à escola, no período posterior ao isolamento social provocado pela pandemia da Covid 19; as crianças apresentaram discrepância, ou diferenças no seu nível de desenvolvimento, se comparado ao que apresentavam anteriormente. Este fato, certamente, se deve às diferentes atividades (que guiam o desenvolvimento) desenvolvidas pelas crianças fora do contexto escolar.

É possível e necessário também exemplificar a relação entre a etapa do desenvolvimento e a atividade principal (aproveitando para abordar uma discussão importante para a Educação Infantil, compreendida, por vezes, equivocadamente), com a questão do jogo de papéis, definido como atividade principal. Se a atividade, definida de maneira simplificada, é a forma de se relacionar com o mundo, podemos dizer, com base na THC, que a criança se relaciona com o mundo assumindo papéis, ainda que no jogo, ou na brincadeira, pela imitação – como explicou Vigotski (1996).

No jogo de papéis, desenvolvem-se a imaginação e a criatividade, a partir das referências ou do repertório de vivências das crianças, que precisa ser ampliado com a mediação dos professores.

No exemplo citado, assim como em outras etapas, a atividade de ensino, voltada para o desenvolvimento das crianças, adolescentes ou adultos, apoia-se nas relações sociais existentes, vividas, mas deve propor outras possibilidades (de relações mais justas e igualitárias, por exemplo), ampliando o acesso aos conhecimentos científicos, buscando a transformação da sociedade.

Promover o desenvolvimento de todas as crianças, adolescentes e adultos com qualidade, reconhecendo que este trabalho está vinculado à superação da sociedade capitalista, a responsável pelo desenvolvimento distorcido do potencial humano, pelo desenvolvimento desigual dos indivíduos (VIGOTSKI, 2022, p.5), significa propor uma educação voltada às necessidades de cada ser humano, considerando seus aspectos psicológicos, históricos e culturais – o que e quais destes aspectos é fundamental ampliar, transformar, enfim, ensinar. Por fim, a partir das considerações dos autores da THC sobre período, etapa do desenvolvimento e atividade principal (atividade guia) aqui explicitadas, será apresentada a sua relação com as etapas de ensino nomeadas na Rede Municipal de Rio Claro atualmente, por idade:

Camila disse ter tentado fazer uma correspondência e tentado aproximar o entendimento das idades de cada um e principalmente para tentar visualizar qual seria a atividade principal seria de cada etapa da nossa Rede, então:

ETAPA DO DESENVOLVIMENTO	NOMENCLATURA ATUAL NA REDE MUNICIPAL DE RIO CLARO	ATIVIDADE PRINCIPAL (OU GUIA)
Primeiro ano de vida	Berçário 1	Comunicação emocional direta
Primeira infância	Berçário 2 e Maternal 1	Atividade objetual manipulatória
Idade pré-escolar	Maternal 2, Infantil I e II	Jogo de papéis
Idade escolar	Ensino Fundamental I	Atividade de estudo
Adolescência inicial	Ensino Fundamental II	Atividade de comunicação íntima pessoal
Adolescência	Ensino Médio	Atividade profissional/estudo
Idade adulta	Educação de Jovens e Adultos	Trabalho
Velhice (mais de 60 anos)	Educação de Jovens e Adultos	Trabalho

Esta sistematização oferece-nos referências para a elaboração do Currículo Integrado, destacando que o processo de ensino e aprendizagem necessita ser organizado considerando seu destinatário, a forma e o conteúdo, respeitadas as especificidades de cada período.

Camila quis chamar à atenção para que o vai determinar determinar a mudança de uma etapa a outra é a situação social, o papel social que a criança ou o adolescente sempre vai assumindo ao longo da vida, disse que então não era a maturidade ou o amadurecimento biológico. Trouxe o exemplo de que quando se tem crianças de dois anos vamos comparar (a teoria não fala para comparar), disse estar usando apenas como exemplo. Retomou o exemplo, comparar duas crianças de dois anos, uma delas é filha única, a outra acabou de ganhar um irmão. Perguntou sobre o que acontece com essa criança que acabou de ganhar um irmão? Ela, por conta da situação, disse que os pais vão acabar delegando a ela algumas funções: Você foi promovido a irmão mais velho (que ótimo com dois anos de idade). Disse que esses pais vão fazer com que essa criança guarde suas roupinhas, guarde seus brinquedos, vão começar a cobrar dela algumas responsabilidades que antes ela não tinha. Ela vai assumir esse papel de irmão mais velho, ela subiu um degrau, agora ela tem um outro



Secretaria da Educação

status. Apesar da diferença, aquele que não tem um irmão continua sendo uma criança com dois anos de idade. O outro apesar de ter dois anos de idade também tem um outro papel. Qual foi a diferença e assumir outras responsabilidades. Por isso que um bebê com sozinho e outro não, um bebê que já é colocado para sentar-se à mesa e começa a fazer uso de talheres, e um bebe que não, que os pais ainda oferecem a colher na boca. A criança quando se senta à mesa junto com a família ou junto com outras pessoas assume um outro status nessa relação familiar, assim como na sociedade, diferente de uma outra criança que só é colocada no carrinho e tratada como um bebê que ainda não faz isso. Segundo Camila, os lugares onde vão colocando as crianças das responsabilidades, das ações, dos papéis que ela vai escolher vão determinado esse desenvolvimento e a escola precisa estar atenta a isso proporcionando mais experiências e mais vivências para que ela vá se desenvolvendo.

Em seguida, a palavra foi concedida a Wellington dizendo que ia fazer um gancho com o que foi discutido antes, com relação à criatividade e pediu para Carina expor o texto que remete a essa questão. Ao ser localizado no texto Wellington disse estar falando sobre imaginação e criatividade, disse que quando se fala de criatividade, principalmente criatividade, existe um entendimento que a criatividade é espontaneísta, de dentro para fora, disse ser isso importante. Remeteu a um livro de Vigostiky: Imaginação e criatividade na Infância, e ele faz essa relação, ela vai falar como se desenvolve a criatividade desde a infância da criança, a relação de memória, as coisas que a criança se relaciona, ele faz essa relação de como se dá essa criatividade e a imaginação. Disse ser muito completo haja vista Vygotski ter um livro apenas para falar desse tema para ver o quanto é complexo, traz também essa questão da espontaneidade e sugeriu que isso já é uma coisa que se deve colocar no glossário e que tem que deixar explicado. Acrescentou que percebeu que o texto da Camila falou muito de funções superiores, disse ser importante citar o texto do Newton Duarte fala de outra categoria, desenvolver as "máximas capacidades". Disse ser interessante deixar claro, que não é de qualquer tipo de desenvolvimento que está se falando. Esse desenvolvimento da Educação nessa perspectiva está falando de máximas capacidades. Se for para a escola a criança se desenvolve no meio dela, mas que tipo de desenvolvimento é esse? Estamos falando de um desenvolvimento a partir de um ensino sistematizado que tem cultura, tudo por trás disso, das máximas capacidades. Falou que precisa deixar isso bem claro também e que não é simplesmente falar do desenvolvimento porque são de diferentes contextos sociais. Acrescentou que como se está se falando de Educação, está se falando de máximas capacidades, reportou a Camila dizendo que ele não entendeu se ela contemplou essa



Secretaria da Educação

questão em sua proposta. Camila respondeu que não. Welinton reforçou então que era preciso deixar isso claro no texto.

Jeferson conferiu a palavra a Rossana que disse que não sabia falar besteira ou não, ou se era para outra discussão, mas disse que iria insistir, pois diz amar as questões sobre desenvolvimento não estar ligado ao cronológico e a idade. Tem dois anos de idade então, você já pode andar assim, ou você tem seis já pode escrever desse jeito, não gosto do conceito estar maduro para..., mas da vivência que vai se desenvolvendo através da interação. Trouxe uma questão se não está se falando de um desenvolvimento que não é etapa cronológica. Afirmou ser inimiga da coisa em série, por exemplo: primeira série, segunda série, primeiro ano, segundo ano. Disse-me sobre as questões do ciclo.

Em seguida, falou Adriano dizendo querer defender sua ideia de falar do brinquedo. Para defender seu ponto de vista disse ter três grandes linhas na psicologia que avaliam a relação entre desenvolvimento e aprendizagem. Desenvolvimento e aprendizado disse ser a mesma coisa, disse não ter distinção e que ainda assim nessa perspectiva, aprendizado segue a trilha do desenvolvimento, porém disse haver uma diferença entre uma coisa e outra para falarmos desenvolvimento não há grande diferença entre uma coisa e outra. A segunda delas, disse ser aquilo que a Rossana falou, “a gente se desenvolve para depois aprender”. Então a aprendizagem está condicionada ao desenvolvimento. Certas funções psicológicas precisam estar maduras para que eu aprenda isso ou aquilo, disse que nesse sentido, se situa Piaget, acrescentou que na perspectiva de Vygotsky, é o desenvolvimento que segue a trilha do aprendizado, então para eu aprender, eu preciso me desenvolver. Nesse aspecto entra no que o Wellington falou, a criança aprende antes de chegar na escola, a criança chega na escola sabendo um monte de coisas seguindo um nível de desenvolvimento. Enfatizou que nesse caso se trata de uma outra perspectiva e o que Vygotsky vai dizer: para o desenvolvimento dessas funções psicológicas superiores não é qualquer aprendizado que serve, essencialmente aquilo que a criança não sabe. Adriano disse estar explorando essas questões para poder abordar o brinquedo. Disse que para Vygotsky explicar isso ele vai falar da zona de desenvolvimento proximal, assim ele vai falar que existem três fases, zona de desenvolvimento real, daquilo que o aluno já se apropriou, zona de desenvolvimento potencial, onde o aluno pode chegar, e é isso que é zona de desenvolvimento proximal que é o caminho que ele percorre, mas que só alcança o potencial com a ajuda do outro, do professor, e enfim. Quis dar um exemplo concreto:



Secretaria da Educação

Digamos que a minha zona de desenvolvimento real, eu domine adição, eu faço qualquer operação em adição – essa minha zona de desenvolvimento real, só que o professor ou alguém está me propondo um problema um problema que eu nunca fiz, mas é um problema que envolve adição e adição eu sei fazer, mas eu nunca desenvolvi esse tipo de atividade, eu nunca usei esse recurso para resolver esse problema, então mesmo sabendo adição eu não consigo fazer sozinho. Então um professor irá ensinar como eu uso adição para resolver aquele problema, e depois que me apropriou disso, consigo fazer operações similares sem a ajuda de ninguém. Então resolver o problema é onde eu quero chegar, para chegar até lá, eu preciso da ajuda, então quando eu consigo, aquilo que era minha Zona de desenvolvimento potencial ontem passa a ser minha zona de desenvolvimento real, e aí vou avançar mais. Então para Vygotsky o que importa é isso, é aquilo que eu não sei, é aquilo que eu não sei, é que faz com que eu me desenvolva. E aqui fica configurada a importância do professor, ou de uma outra pessoa, porque sem essa pessoa, eu nunca aprendo o que eu não sei, porque sozinho eu não aprendo.

Porque eu acho que o brinquedo é importante, porque o brinquedo vai fazer isso na prática. Vygotsky vai dizer que a criança, principalmente a criança pequena, vai desenvolver certas necessidades de forma imediata. Você não pega uma criança pequena e pede para ela fazer um planejamento para ela ter aquilo que ela quer em cinco anos, um ano, um mês ou em dia. Ela quer sempre na hora, é difícil para ela não satisfazer sua necessidade na hora. Essa é uma característica de uma fase de nossas vidas.

O brinquedo para Vygotsky é o mundo imaginário, para Vygotsky brinquedo não precisa de nada nas mãos, para Vygotsky o brinquedo é o mundo imaginário onde a criança consegue satisfazer necessidades no campo abstrato de forma imediata.

Como finalizou o tempo do Adriano a palavra foi transferida a Daniela que disse que ia falar de suas impressões sobre o texto. Iniciou sua fala dizendo que em primeiro lugar o texto é um texto que já tem uma bagagem THC e que remete algumas questões já discutidas sobre questões que são óbvias, mas que precisam ser contempladas no texto. Reportou-se a Camila dizendo que em seu texto tem um parágrafo que traz uns dados falando cronológicas, fala que isso foi percebido com a volta das crianças depois do isolamento, da covid, não citou uma pesquisa, um estudo, e que isso é complicado de ser colocado na proposta. Quem tem essa fonte? Quem pesquisou? Quem tem esses dados dos quais você fala. Porque você está falando da nossa realidade, e está sendo discutido para que as pessoas não tragam dentro da proposta coisas sem fundamentação teórica. Os quadros que você trouxe, você disse que



Secretaria da Educação

foi você quem fez, até a aproximação com a Rede, senti falta de ter esse detalhamento, e o seu texto está muito do lugar da onde você fala, da Educação Infantil, penso que se tinha que se fazer esclarecimentos, a gente tem essa primeira infância e trazer detalhado o que é Comunicação emocional direta, Atividade objetual manipulatória, cada um desses itens, entendo que é complicado se aprovar uma proposta como essa hoje em todo esse detalhamento, porque a gente corre o risco de como na primeira definição, que a foi proposto e nunca mais voltou atrás para ajustar o texto, Daniela propor como encaminhamento que não se fizesse a aprovação do texto, que se faça esse detalhamento. Disse que Camila tinha uma boa escrita, mas que para a proposta ele tinha que estar melhor detalhado, não dá para darmos para outras pessoas lerem sem essa fundamentação teórica, e acrescentou que pensa que um glossário que acha que o glossário não é suficiente. Tem muitas coisas que já apareceram em outras definições, que eu já me coloquei aqui e isso olha, isso não caberia aí, na primeira proposta, quando fez a definição e u disse que esse texto não caberia ali, porque caberia em outro momento, e apresentou essa ideia para o momento.

Camila iniciou sua fala perguntando a Daniela se ela não viu na definição que é relacionar aprendizagem e desenvolvimento, o ensino deveria estar aparecendo aí também, mas acabou escapando de fato. Disse que a ideia do texto é falar do desenvolvimento da teoria, por isso falo da teoria para a explicar, e a atividade principal entra como um dos aspectos relacionados, não dá para nesse momento ficar definindo, porque ela, os conteúdos, a sistematização é referente ao currículo, elas dão indícios, vão precisar ser explicitadas mesmos se eu te tivesse que falar de cada um, eu teria que fazer o currículo sozinha, não é essa a ideia. E aí eu trago o exemplo da Educação Infantil e também expliquei e tem duas questões, porque às vezes ela é equivocada equivocada, e o jogo de papéis que tem a ver com o que o Adriano está tentando explicar que é uma função da brincadeira e dos papéis que é muito cara a teoria, e é por isso que aparece ali como exemplo. Disse que o Wellington trouxe uma questão falando da criatividade que vai ter que trabalhar, e que é fundamental também daquilo que a Rossana estava cobrando, onde é que entra a questão da fake news, onde entra a questão do preconceito.

Weliton faz uma sugestão, porque a Rossana falou da questão do desenvolvimento e da idade e a Camila fala Leontiev, Luria Vygotsky, tem um livro do Leontiev que chama Desenvolvimento do Psiquismo que aborda o questionamento levantado pela Rossana, uma sugestão para ler, vai esmiuçar a questão que não é a idade que determina o desenvolvimento, mas sim quais os conteúdos e aprendizagens que vai ter que ter.



Secretaria da Educação

Adriano disse para Camila querer concluir o seu raciocínio, a criança tem essa característica, ela precisa satisfazer de forma imediata as necessidades que ela tem, essa é uma característica da infância, e pensando o brinquedo nessa perspectiva, é o mundo imaginário, então o brinquedo pode ser um objeto, ou qualquer coisa. O que o Vygotsky vai falar: Exemplo concreto do brinquedo para satisfazer determinadas necessidades da criança. Digamos que a criança, só que ela é uma criança, então não pode ser mãe. É impossível ela ser mãe, mas ela quer. Ela viu a mãe dela sendo mãe, então ela quer ser mãe. Como ela resolve essa necessidade, é no brinquedo, então, ela vai brincar de ser mãe, e vai satisfazer essa necessidade. Só que o brinquedo tem uma característica central, que não é imaginação, a característica do brinquedo é ele tem que ter ideias. Por exemplo, se a criança vai brincar de mãe, lá no campo dela, nesse mundo imaginário onde ela quer ser mãe, ela não pode ter um comportamento de um cavalo, ou de um tio, ou de um primo, ela só pode ter um comportamento de mãe. Então faz com isso ela vai trabalhar em um campo abstrato, o brinquedo acaba se tornando campo da zona de desenvolvimento proximal, ela vai ter controlar coisas que naturalmente ela não saberia controlar, vai reproduzir o comportamento da mãe e não dá para reproduzir o comportamento dela de criança, então ela vai ter que conter certas ansiedades que ela tem. O brinquedo exemplifica o que é a zona de desenvolvimento real, proximal e potencial. É nesse sentido, diz ele, que não valeria a pena escrever um texto sobre o entendimento dele acerca do brinquedo, talvez depois em uma outra categoria. Adriano disse estar surpreso com a proposta da Daniela tanto na forma quanto pelo conteúdo. Disse que não ter lido a proposta da Camila, mas disse que a proposta está bem escrita, clara perspectiva teórica, bem fundamentada e que não consegue ver a ausência de fundamentação que a Daniela colocou. Disse querer lembrar a comissão que no início apresentou-se textos que eram um parágrafo, disse que já foi dito que depois será necessário rever o texto, falando da produção de um texto texto que embora não seja um texto acadêmico, é um texto de uma política pública também se obedece às regras de padrão de referência, não se produz um texto vem para desqualificar o texto, disse que daniela deveria fazer uma proposta objetiva e não que esse texto não vai dar para ser aprovado, disse inclusive ter achado a postura da Daniela arrogante. Entende que o texto tem que ser esgotado, se vai ser aprovado ou não, disse ser uma decisão da comissão.

Mônica disse querer retomar a fala da Daniela em relação a concepção de ser humano, disse que toda hora volt na concepção de ser humano, e disse que cada vez fica mais claro o que está escrito lá, disse estar tudo tão casado, dando tanta continuidade, que ela não vê motivo



Secretaria da Educação

para mexer no que foi definido ali. Porque nunca nas outras concepções que já foram aprovadas se fugiu daquilo que falado, tanto que do que foi discutido se vai se discutir concepção de criança, de jovem, adulto, se já existe uma concepção de ser humano e já está dando linha para tudo que sendo discutido nas outras concepções. Disse que a Camila teve um cuidado com a escrita do texto que se atendeu muito a algo que se pedia não ser denso, vejo que a Camila trouxe a proposta em uma linguagem acessível. Tem muito mais para falar e ler sobre Vygotsky. A ideia é ter uma visão geral e depois aprofundar. Achei que a Camila veio atender algo que inúmeras vezes foi pedido em nossas discussões. Disse que a ideia central tem que aparecer e a tentativa de contextualizar todo trabalho que a Rede faz, achou muito interessante que a Rosana percebeu que trabalhar com essa teoria não é fazer essa divisão de idade, até aqui eu faço isso e agora eu tenho que parar porque não está dentro do desenvolvimento. Não gosto de minimizar (fazer alguma coisa mais fácil para as pessoas entenderem) isso é subestimar o professor, o nosso colega e achar que nossa redenção é qualificada.

Daniela disse que de forma alguma a intenção foi desqualificar o que a Camila escreveu, mas apontou que tem coisas que se tem que esclarecer dentro desse item e que se aprovado dessa forma, a comissão não volta depois para complementar algumas coisas no texto. Daniela reportou-se a Camila dizendo que como ela mesma trouxe a zona de desenvolvimento proximal e deu uma pincelada no texto e ele não dá conta de explicar tudo o que a Camila expôs, que devem ser contemplados nesse momento que falam das relações de aprendizagem e de desenvolvimento, assim como esses períodos que Camila descreve na tabela. Aparecem na tabela, períodos, etapas do desenvolvimento, atividade principal, mas o texto não dá conta de trazer as definições desses itens. Daniela expôs sua preocupação mediante a uma fala recorrente na comissão: “olha agora não não cabe, mas vamos ter um outro momento que nós vamos explicar tudo isso”. Disse que todos que estão na comissão tem percebido que está se perguntando quando vai ser esse outro momento: vai ser no currículo? Não! Tem algumas coisas que tem que estar contempladas na proposta para delinear o que vai ser na questão do currículo, se elas não estiverem definidas aqui não tem como colocar lá, até porque sabe-se que a nossa Rede, nem todo mundo tem conhecimento dentro dessa corrente teórica, então quanto mais claro deixar as coisas aqui (referindo-se a proposta) vai evitar problemas de interpretações lá na frente. Daniela enfatizou que é nesse sentido que ela traz a proposta de parar e olhar para essas questões para elaborar melhor essas definições nesse momento que está trabalhando de relações de aprendizagem e de



Secretaria da Educação

desenvolvimento.

Camila respondeu a Daniela que achava que deveria ter definido em um parágrafo, o que é desenvolvimento para Vygotsky, porque ficaria mais fácil. É para definir desenvolvimento, então desenvolvimento é: elevar suas funções psicológicas as suas máximas capacidades, aproveitando aqui o que o Welinton trouxe. O que promove isso? A atividade principal. É ela que garante essa máxima capacidade. Continuou dizendo que trouxe outras coisas que são importantes para a categoria, a questão do jogo e do brinquedo, que segundo ela entende já ter contemplado a questão do brinquedo. Disse não ser contrária, mas entende que já foi contemplada, e que é uma forma de se entender. Retomou a questão da imaginação e a questão que a Rosana trouxe. A imaginação e a criatividade não são espontâneas, elas são funções que precisam ser desenvolvidas, também partem de um processo de ensino aprendizagem, não parte do nada. As crianças têm suas experiências sociais, as vivências delas que elas vão trazer para a situação do brinquedo, dos jogos de papéis, no caso, onde ela vai assumir o papel de mãe, conforme Adriano estava falando. Ela sabe e tem uma ideia do que é ser mãe pela relação que ela tem em particular com a mãe dela, ou com a avó, ou com alguém do contexto familiar. O que é fundamental para a teoria e para Vygotsky é ter um olhar atento para esse jogo de papéis, porque é ali que se vai ampliar esse conhecimento que pode ser de uma mãe que é violenta, que pode ser de uma mãe que não é mãe e que abandona, que pode ser de uma mãe negra que sofre racismo, então através dos jogos de papéis, além de desenvolver a imaginação e a criatividade, assumindo um papel que não é o dela, se o professor fizer a mediação correta ele pode trabalhar com as questões da fake news, do preconceito, questões outras através de conhecimento científico, por exemplo a questão de gênero que não é uma questão de opinião, o que são essas relações de gênero, machismo, as questões étnico-raciais, elas vão crianças estar rondando essas brincadeiras, porque elas vão trazer as experiências que elas têm e é nossa função, nosso papel ampliar. E ampliar como? Através dos jogos, dos papéis que nesse caso atuam como atividade principal em determinada faixa, onde a criança não pode definitivamente assumir o papel, mas no campo do imaginário e da fantasia ela vai poder, mas isso também é gradual. O que o Adriano fala é do domínio da conduta, o que Camila diz não ter trazido e que se trata de um conceito importante. E quando se fala de desenvolvimento e de se desenvolver a personalidade, significa dizer que as crianças saiam desse imediatismo e que elas tenham esse auto controle e consigam agir, que entendem esse jogo social, onde as pessoas ocupam papéis diferentes e que precisam ser respeitadas, dizendo tratar de tudo isso. Complementou



Secretaria da Educação

que não dá para tratar de tudo isso, pois a ideia é de uma proposta geral, como apontado pela Mônica como um primeiro texto, como uma proposta mais geral que vai demandar formação e que ninguém disse que o texto vai dar conta. Em seguida, disse discordar da Daniela enfatizando que o texto dá conta de definir o que é desenvolvimento para teoria e que é a teoria que “a gente” vem seguindo. Disse que poderia ter reduzido e tirando esse problema, mas que os exemplos, vem no sentido de deixar o texto mais palatável, Adriano está dando exemplo do jogo, eu falei do bêbe. Assumiu o fato de ser difícil as pessoas entenderem. O que é essa situação de aprender a se alimentar com talher? É aprender o uso social dos objetos, que faz parte da etapa, da atividade que guia o desenvolvimento. Disse demandar estudo, mas também demanda assumir o lugar de que não se está compreendendo, e viesse na postura de se tirar uma dúvida, de esclarecimento e não de não vamos aprovar assim porque precisa melhorar. Afirmou que nunca poderá melhorar se não souber as dúvidas e questões que as pessoas têm. Disse ser necessário dialogar mais, entendo que o diálogo como a Rede ocorrerá depois e que assim vai ver o que irá acontecer depois para ir melhorando. Jeferson interrompe Camila anunciando que o tempo acabou e Lígia diz saber que tem mais pessoas inscritas, mas que precisava fazer os encaminhamentos devido o avanço do horário. Assim pediu para que as pessoas inscritas fossem bem breves, em seguida a palavra foi concedida ao Weliton e disse que o autor para não votar o texto era uma contradição, dizendo ser um desrespeito para com a própria comissão. Disse que o texto apresentado segue os demais textos aprovados pela comissão, disse não ver nada suficiente para uma atitude dessa, a não ser que o texto fosse contraditório a tudo o que foi discutido até o momento e que nesse sentido caberia a discussão.

Heluane disse que o texto apresentado é bastante didático, com vigor teórico muito bom. Disse ser uma das categorias mais difíceis trabalhadas até agora e que não só em termos de sistematização, mas que enfrenta um ponto central da discussão que é assumir (o que se ouvia em várias reuniões: “ah, a Rede é Piagetiana”). É um texto que assume e faz essa diferenciação. Quem somos? Que posição irá se assumir daqui para frente? Enfrenta um problema etimológico e um problema de identidade muito grande. Disse ter ficado pensando nessa posição das diferentes interpretações que as pessoas fazem quando lê um texto, e que foi um dos pontos em que mais me chamou a atenção de forma positiva no texto. Faz a conversa da teoria que todo mundo acusa que é uma teoria distante historicamente e datada, mas está sendo discutido um momento atual que se está vivendo pela teoria. Dirigiu-se a



Secretaria da Educação

Daniela falando que embora ela estivesse pedido a indicação de um dado quantitativo, disse que a Camila estava trazendo um dado da realidade, disse que ninguém que está dentro da escola afirma o contrário veria os dados como contrários, que o período de pandemia não tenha afetado o desenvolvimento das crianças, porque assumir isso é colocar em xeque o papel da escola, porque então, qual é a diferença que a escola faz na vida dessas crianças. Elas ficaram dois anos afastadas e não teve diferença nenhuma, disse então ser necessário voltar e questionar o próprio papel da escola. Concordou que as questões das atividades foram contempladas como forma de garantia, foi explicitado, mas esse não é o momento de aprofundar. Disse que será aprofundado em outro momento, por não ser possível de dar conta “aqui”. É um dado para se dar conta em outro momento e até de outros conceitos. Disse que é importante garantir para dar conta depois, nos grupos, nos currículos e nas etapas.

Ana Carolina falou que achou o texto da Camila extremamente bem escrito, bem pautado e com relação à Covid elucidando o que a Heluane disse, enfatiza que Camila começa com importante exemplo, disse que ali já se diz tudo e que não vê a necessidade de se apoiar em dados, em pesquisa, por se tratar de uma realidade que vivenciamos. Me apresenta na escola uma criança que não tenha defasagens. Elas têm defasagem de tudo. Disse estar vendo uma leva de crianças com problemas de fala seríssimos. Consultório de fono lotado e com lista de espera. Disse que neste momento, não é um dado que se precise de uma tese. Acrescentou que Camila citou um importante exemplo quando fala do talher, e disse que quando Camila fala da tabela, acrescentou que para ela a tabela está clara e percebe cada etapa sendo contemplada quando Camila fala de criança adolescente, e finaliza elogiando o texto da Camila.

Adriano disse que Daniela acabou embolando algumas coisas e afirmando de coisas que não condizem com a realidade e que acabou por truncar o trabalho. Afirmou que ele ter apresentado uma discordância, não significa que ele inviabilize aprovar a proposta da Camila, disse estar propondo uma outra categoria. Disse que não estava dizendo que o texto da Camila não era eficiente. Enfatizou que se tem uma convicção sobre uma categoria não pode ser motivo para pedir a não aprovação dele, estou propondo uma outra categoria, se tenho convicção de, faz uma proposta. Dirigiu-se a Daniela falando que quando ela afirma que está se deixando coisa para trás, ele diz não ser verdade. Falou da deliberação do COMÉRC que define os conceitos e diz que discutir proposta pedagógica é definir visão de mundo e fala quais são as categorias. Falou que Lígia apresentou a proposta de se discutir outras



Secretaria da Educação

categorias, perguntando se era o momento. Mas com relação à proposta da Camila, vai no sentido de que ou você vota favorável ou se vota contra, disse uma questão lógica e de racionalidade.

Daniela disse que gostaria de falar, e pontuou que não era uma questão pessoal e que não desmereceu o texto da Camila como ela mesma apresentou aos outros e disse ter tentado fazer um texto, mas que não teve tempo hábil para enviar. Disse que o problema é ela entende que agora era preciso detalhar algumas coisas, nesse momento, nessa categoria. E no caso de aprovar na íntegra o texto não vai contemplar o que deveria ser contemplado. Enfatizou dizendo que a questão não era pessoas. Daniela trouxe a questão do que se havia acordado no início da comissão e que vinha se perdendo, mas que ela disse que ao que parecia havia se perdido mesmo, falando do código, falando como era a questão do respeito do decoro entre as pessoas. No último encontro você disse: “olha o texto que você mandou você fez uma manobra, assim disse para que Adriano tivesse cuidado ao se referir acerca do texto. Adriano interrompeu dizendo que havia dito marabalismo e não manobra. Daniela retomou a palavra dizendo, tudo circo, disse que Adriano devia ter bastante cuidado porque desmereceu o texto da Fabiana, dizendo que não era um texto, mas um parágrafo. Disse que em nenhum momento desmereceu o texto da Camila, mas que pelo fato de o texto do Bruno ter sido questionado quanto aos dados que apresentou referente a Covid e que lhe foi dito que o texto tinha que ter fundamentação teórica com relação aos dados apresentados. Daniela disse só estar dizendo: “olha será que não seria a horar de pararmos para definir melhor por entender que alguns conceitos deveriam estar contemplados no texto como a zona de desenvolvimento proximal.

Lígia pediu a palavra para os encaminhamentos e fez a seguinte questão: A partir de todas as falas do ponto de vista da Daniela, vota-se a proposta hoje, ou volta a refletir mais sobre ela? Quem é favorável a votar a proposta ainda hoje?

Foram 33 votos favoráveis. Em seguida perguntou se alguém não era favorável e se gostaria de se manifestar, mas houve abstenções. Assim deu encaminhamento a votar a proposta e apresentou a segunda pergunta: Quem é favorável a manter a proposta da Camila, que é a única que chegou?

Elisângela interrompe para perguntar se depois poderia se voltar no texto para rever coisas no textos, ou complementar?

Lígia diz entender que sim, e que se o texto for aprovado, que possa colocar os itens que precisam ser acrescentados que foi esse o acordo desde o início, que não se tem feito, mas



Secretaria da Educação

que é necessário fazer. Em seguida partiu para a votação.

Favorável a proposta da Camila 30

14 contrários

Desta forma a reunião encerrou-se às 20h20min sendo o registro da ata realizado por mim, Vanessa Carneiro Bonina Lima Magri, membro do Centro de Aperfeiçoamento Pedagógico.